

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO EIXO PESQUISA-ENSINO: UM PANORAMA GERAL DOS POSSÍVEIS EFEITOS E REFLEXÕES DE USO

Blake Oliver Furquim de Camargo¹

Fátima Christina Calicchio²

RESUMO

Esta pesquisa explora criticamente o possível impacto do uso das IA no comportamento e na cognição humana, bem como sua interferência no eixo pesquisa-ensino, considerando as potencialidades do letramento digital, dependência tecnológica e criticidade do manejo das ferramentas automatizadas. O objetivo central consistiu em analisar as práticas de pesquisadores, docentes e estudantes em relação à apropriação da IA nos processos de produção científica e intelectual, considerando os processos de reescrita e de verificação. Desta forma, aplicou-se um questionário a 89 participantes em um congresso acadêmico, buscando mapear os padrões de uso, confiança e criticidade. A análise das respostas foi fundamentada na psicanálise freudiana sob a leitura de Lindenmeyer (2025) e na psicologia comportamental de Skinner (2003), bem como os estudos de Gerlich (2025) e Sichman (2021). Durante este estudo, revelou-se uma dicotomia: a IA atua como ferramenta de otimização operacional, com apresentação de riscos em dependência cognitiva e, conseqüentemente, redução de esforço intelectual. A confiança plena na tecnologia ocorre mesmo em ambientes de maior escolaridade e traz reflexões sobre a necessidade de um letramento digital que ultrapasse a competência técnica, considerando dimensões éticas, comportamentais e metacognitivas. Os resultados indicam o uso cotidiano motivado por reforço imediato, coexistindo com desconfiança sobre a veracidade de dados, evidenciando que o letramento digital é essencial para a promoção da autonomia intelectual, por meio de práticas conscientes e questionadoras, voltadas ao raciocínio humano e não à substituição desta habilidade.

Palavras-chave: Letramento digital. Comportamento humano. Cognição humana. Ética em docência. Ética em pesquisa.

ABSTRACT

This research examines the potential impact of Artificial Intelligence (AI) use on human behavior and cognition, while also considering its influence on research and teaching contexts, considering possibilities of digital literacy, technological dependence, and the critical use of automated tools. The main objective consisted in analyzing the practices of research, lecturers, and students, verifying their appropriation of Ai in scientific and intellectual production processes, focusing on rewriting and verification. For this, a survey was conducted among 89 participants in this study at an academic conference, mapping the use patterns, trust in this technology, and critical thinking. Psychoanalysis interpreted by Lindenmeyer (2025), behaviorism by Skinner (2003), Gerlich (2025) and Sichman (2021) were the base theories for the analysis, revealing a dichotomy: IA acts as an operational optimization tool, but raises risks of cognitive dependency and consequently a reduction in intellectual effort. Full confidence in technology processes is also considered even in higher education level environments, raising reflections on the need for digital literacy that goes beyond technical competence, working with ethical, behavioral, and metacognitive dimensions. The results show daily use motivated by immediate reinforcement, coexisting with distrust about data veracity, highlighting the essentiality of digital literacy for intellectual autonomy promotion by means of conscient and questioning practices, turned to human reasoning and not its ability substitution.

Keywords: Digital literacy; Human behavior; Human cognition; Teaching ethics; Research ethics.

¹ Bolsista CAPES – Mestrando em Letras (UEM). Especialista em Psicologia Educacional. Graduado em Letras – Português/Inglês – Licenciatura e Bacharelado, Pedagogia, Teatro e Design de Games. Graduando em Letras Português/Japonês. Professor dos cursos de Letras e Tradução do UniCV. E-mail: blake.camargo@hotmail.com

² Doutora em Estudos Linguísticos (UEL). Graduada e mestra em Letras. Professora universitária e coordenadora de cursos no UniCV. E-mail: prof_fatima@unicv.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A Inteligência Artificial (IA) na atualidade oferece diversas oportunidades significativas para a otimização de vários trabalhos, principalmente no âmbito acadêmico, em que, conforme Souza (2025), esta ferramenta tem ganhado notoriedade, sendo vista como um campo dinâmico e multifacetado, que simula funções cognitivas humanas para a execução de tarefas por meio da interpretação de dados. Esta ferramenta apresenta uma aprendizagem contínua e adaptável, que tem esta adaptação conforme as demandas e critérios estabelecidos pelos usuários. Dessa forma, o conhecimento sobre a ferramenta se torna um campo amplo que necessita de práticas de letramento de seus utilizadores, de modo a promover o protagonismo humano, o que evidencia uma conexão com o vasto campo de ensino.

Contudo, a inserção da IA no ambiente acadêmico não é isenta de conflitos, pois, embora Souza (2025) destaque a otimização de tarefas, emerge uma tensão fundamental em relação à autonomia dos indivíduos, questionando a medida em que a automação de processos cognitivos, impulsionada pela praticidade e pela rapidez, compromete a autonomia intelectual do pesquisador. Estudos como de Gerlich (2025) e de Leal *et al.* (2025) apontam para riscos de atrofia do pensamento crítico, bem como a dependência psicológica, transformando a ferramenta de auxílio em uma potencializadora de inibição da agência humana.

Apesar dos diversos benefícios, como o custo de processamento, o surgimento de novos paradigmas tecnológicos, junto a uma considerável quantidade de dados acessíveis via internet, diversas preocupações são apresentadas neste contexto (Sichman, 2021). Por outro lado, o estudo de Leal *et al.* (2025) pontua que a IA pode comprometer os diversos processos naturais, principalmente os de aprendizagem, fomentando circunstâncias de dependência psicológica, isolamento social e comprometimento da competência de criatividade devido ao suporte automatizado desse utensílio. A partir disso, a IA se torna um desafio complexo para o trabalho docente, que busca aproveitar um potencial transformador a partir de um trabalho ético e humanizado.

Refletem-se os pontos levantados em relação à aprendizagem, relacionados diretamente ao cognitivo, e em relação à pesquisa, fundamentada a partir do letramento, sendo intensificados por questões relacionadas ao plágio – a incorporação sem devida atribuição (Souza, 2025). A partir disso, questiona-se qual o possível impacto do uso das Inteligências Artificiais no comportamento e na cognição humana e como isso interfere no eixo pesquisa-ensino?

Justifica-se esta pesquisa pensando no trabalho do pensamento crítico do professor e do pesquisador, o qual precisa analisar, avaliar e sintetizar informações para a tomada de decisões. Sabe-se que esses sujeitos recebem interferência direta das ferramentas de IA, que fornecem soluções rápidas, informações pré-prontas, o que, conforme Gerlich (2025), desencoraja o engajamento em processos cognitivos essenciais para o pensamento crítico devido à conveniência. Além disso, a delegação de tarefas a essas ferramentas pode influenciar diretamente na retenção de memória e afetar os processos cognitivos em longo termo.

Define-se como objetivo geral analisar as práticas docentes e práticas de pesquisa em relação à IA evidenciadas por meio de questionário rápido. Como objetivos específicos, são estabelecidos os seguintes: (I) Compreender o âmbito acadêmico e educacional atual em relação à IA; (II) Verificar abordagens distintas que fundamentem os comportamentos benéficos e prejudiciais em relação ao uso de IA; (III) Comparar os dados obtidos com as possíveis influências comportamentais levantadas.

2. CONCEITOS E COMPREENSÕES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DA PSICOLOGIA

Para fundamentar este trabalho, foram selecionadas as perspectivas de análise da psicologia de Freud e de Skinner, que tratam sobre a consciência e o comportamento. Além disso, realiza-se um panorama da sociedade e dos comportamentos em relação ao uso de IA levantando, também, as condições de trabalho de professores, educadores e pesquisadores.

Para Skinner (2003), o comportamento humano é observável, determinado e ordenado, podendo ser respondente – que se refere ao estímulo resposta, a partir de reflexos fisiológicos – ou operante – que diz respeito aos que se relacionam com as consequências, determinando um tripé: estímulo, resposta e consequência. Para este autor, o comportamento se baseia em estímulos, que podem ser reforçadores ou aversivos, ou seja, podem ser utilizados como reforçamento ou punição. Dessa forma, concebe-se que o reforçamento aumenta a probabilidade da ocorrência de um comportamento, por outro lado, a punição reduz a frequência com que este comportamento ocorrerá. Vale ressaltar que esses efeitos podem trazer ganhos imediatos, proporcionando benefícios instantâneos, ou de longa duração, que apresentam ganhos posteriores e mais duradouros.

Apesar da variedade de aplicações, conforme Arrabal e França (2025), o uso da IA tem dado lugar à falta de esforço intelectual dos diferentes agentes da área da pesquisa e da educação. O uso de tecnologias digitais motivado por interesses produtivistas potencializa aspectos de dependência e interferem na qualificação das produções, além de interferir na capacidade crítica e na autonomia de sujeitos sociais. Entende-se, portanto, que a confiança excessiva nessas ferramentas pode levar à redução de pensamento crítico e da capacidade analítica, em adição, a automação pode diminuir a disposição dos indivíduos ao questionamento e à formulação de julgamentos. Isto se liga ao estudo de Skinner (2003), a partir do momento em que os sujeitos utilizam de ganhos imediatos em excesso, passam a ser dependentes desse recurso, podendo ser uma situação nociva para o comportamento.

Para Gerlich (2025), este fenômeno pode ser compreendido pelo conceito de *cognitive offloading* – referente à terceirização cognitiva ou descarregamento cognitivo – que trata dos processos em que o indivíduo utiliza de recursos externos na tentativa de reduzir a demanda de processamento de informações internas. Embora funcional para tarefas mecânicas, o autor alerta que o uso excessivo dessa estratégia em funções críticas pode levar à degradação de capacidades cognitivas superiores, visto que o cérebro deixa de exercitar conexões neurais necessárias para o pensamento complexo e para a memorização.

Diferente de Skinner (2003), a psicanálise de Freud foca na relação do sujeito com o desejo e a falta. Nesse viés, Lindenmeyer (2025) propõe que a IA não atua apenas como ferramenta, mas ocupa o lugar de prótese psíquica para alguns indivíduos, sendo muitas vezes um aparelho de influenciar. Diante de uma incompletude estrutural – também vista como angústia da “falta” – projeta-se na máquina uma onipotência idealizada. Desse modo, a tecnologia funciona como um objeto que deseja preencher essas faltas psíquicas, criando uma dependência, na qual a recusa em usar esta ferramenta é sentida como uma perda de capacidade, levando à alienação do próprio saber. Evidencia-se que a incorporação da realidade é eminente, trazendo modificações em diversas formas de vivência, mas trazendo sintomas para novas psicopatologias.

Na sociedade atual, já modificada por essas vivências, a IA alcançou empresas de economia mundial, buscando resultados positivos e com bom custo-benefício, alterando práticas e elementos técnicos influentes para a tomada de decisões. Estabelecem-se, conforme Sichman (2021), dimensões sobre posturas éticas na utilização da IA necessitando do entendimento das consequências dos sistemas, as formas de capacidade de raciocínio ético nos agentes inteligentes e um comportamento adequado dos atores envolvidos. Em relação

aos comportamentos, entende-se a prestação de contas do sistema, a responsabilidade e a transparência nos processos de tomada de decisões.

As diferentes demandas consideram a constante evolução e a grande influência dessa tecnologia na educação, caracterizando as práticas com a IA como uma nova competência, que redefine as formas dos indivíduos se relacionarem com o mundo. Considerando o âmbito educacional, demonstra-se a necessidade de uma imersão no reconhecimento da cultura desse recurso, fazendo com que o letramento seja imprescindível, com possibilidades inúmeras para a visualização de informações e a promoção de *insights* sobre a temática. Por outro lado, na pesquisa, pensa-se na possibilidade de aprimoramento da qualidade de estudos, que ampliam e enriquecem a experiência de investigação de artigos de forma mais ampla, otimizando e contribuindo para o processo de construção do conhecimento científico (Bot; Santos, 2025).

3. METODOLOGIA

Elaborou-se um questionário de resposta anônima, o qual foi aplicado ao início de uma palestra, para compreensão das ideias do público antes do início da fala, de um congresso acadêmico – VI Congresso Acadêmico de Educação e Desenvolvimento Social (CEDS) –, realizado pela instituição de ensino Centro Universitário Cidade Verde (UniCV), na modalidade a distância, com a temática “O uso da Inteligência Artificial como ferramenta auxiliar na pesquisa e na docência”, sendo sobre a mesma temática e respondido de forma anônima pelos participantes da fala, os quais diziam respeito aos cursos de humanas da instituição. Esse questionário contou com quatro perguntas, todas objetivas, sendo, respectivamente uma questão de escala de zero a dez – O quanto você usa IA no seu cotidiano? –, uma questão de classificação de assertivas – Para quais finalidades você utiliza a IA? –, uma segunda questão de escala de zero a dez – O quanto você confia na IA? – e uma questão de escolha única – Assinale a alternativa que mais corresponde com suas práticas imediatas ao uso da IA –, buscando uma interação direta com o público.

Dessa forma, conforme Gil (2008), o questionário diz respeito a um levantamento de campo, que se caracteriza no questionamento direto das pessoas, na tentativa de compreender um comportamento específico de um grupo acerca de um problema ou um objeto a ser estudado. Ressalta-se que, neste levantamento, não são todos os integrantes da população estudada, sendo selecionada uma amostragem que será projetada para a totalidade, considerando estatísticas para a realização desta pesquisa. Compreende-se este método de

caráter rápido, econômico, quantificador e que traz um conhecimento direto da realidade, por meio de informações que podem ser interpretadas pelo subjetivismo dos observadores.

O questionário foi realizado de modo que visasse a interação com o público durante a fala, buscando o entendimento em relação às IA nas práticas de pesquisa e ensino, bem como a atitude dos participantes em relação às ferramentas. Considerou-se a temática de Educação e Desenvolvimento Social do evento para a elaboração das perguntas. Ao finalizar o questionário, obteve-se 89 (oitenta e nove) respostas durante a fala do palestrante, com uma média de tempo de resposta dos participantes em 1 (um) minuto e 43 (quarenta e três) segundos.

Para a análise e a validação de dados, realizou-se um estudo exploratório com amostragem por conveniência, considerando tal contexto. A validade de conteúdo foi assegurada pelo alinhamento das questões com a revisão bibliográfica sobre comportamento e tecnologia. Os dados quantitativos foram submetidos à análise estatística descritiva de frequência e de percentual, que, posteriormente, levou à interpretação qualitativa dos resultados. Esta interpretação triangulou os dados empíricos com os conceitos teóricos de condicionamento operante – de Skinner – e aparelho psíquico – de Freud –, para inferir padrões comportamentais de uso e de confiança.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao levar em conta as teorias de Skinner e de Freud para a análise do trabalho, faz-se importante realçar um dado preliminar relevante, principalmente para a análise comportamental, que diz a respeito do tempo médio de resposta ao questionário (1 minuto e 43 segundos) para os 89 participantes. Esse tempo reduzido, considerando a complexidade temática – de ética e confiança – corrobora a premissa de Skinner (2003) sobre a busca por resultados imediatos. Com isso, o comportamento dos respondentes reflete a própria dinâmica imposta pela IA, pautada na agilidade de execução da tarefa – responder o questionário – que se sobrepõe à reflexão profunda sobre o conteúdo. Isto pode sinalizar um automatismo que refletirá nos dados detalhados nesta pesquisa.

Em relação à primeira pergunta do questionário “O quanto você usa IA no seu cotidiano?”, apresentam-se as respostas na Figura 1. Consideram-se os níveis de oito, nove e dez como de uso cotidiano e constante; quatro, cinco, seis e sete como uso moderado; um, dois e três como uso mínimo ou raro. Das 89 (oitenta e nove) pessoas que responderam ao

questionário, 32 (trinta e duas) pessoas classificaram como uso cotidiano e constante na escala de zero a dez, sendo cerca de 35,95% dos participantes. Apesar disso, 27 (vinte e sete) respondentes apresentaram um uso mínimo ou raro, correspondendo cerca de 30,15% do total. Da utilização moderada 33,9%, ou seja, 30 (trinta) participantes utilizam moderadamente as ferramentas de inteligência artificial.

Figura 1 – Respostas da primeira pergunta da escala zero a dez: O quanto você usa IA no seu cotidiano?

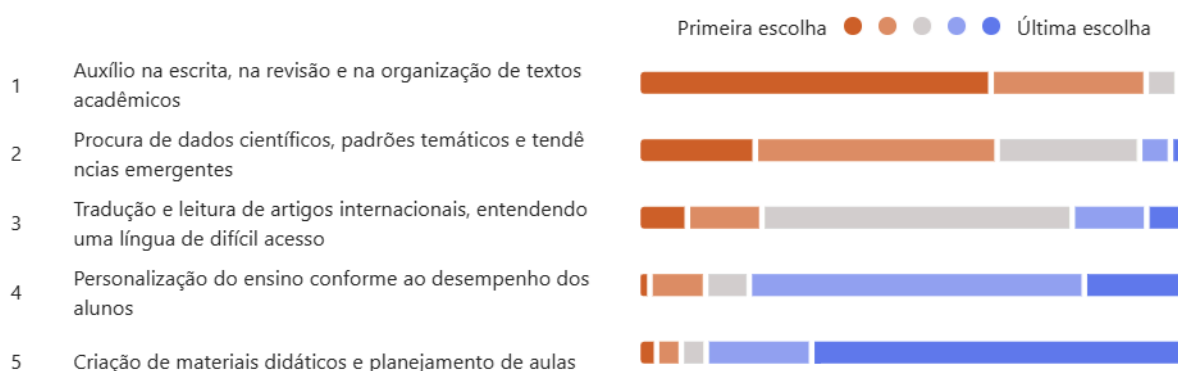


Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A alta frequência de uso cotidiano (35,95%) sugere a instalação de um comportamento operante mantido por reforçamento positivo imediato (Skinner, 2003). A resposta rápida da IA funciona como um estímulo que reduz o custo cognitivo e, desta forma, aumenta a probabilidade de reincidência do uso, mesmo diante de incerteza sobre a qualidade da informação. Por outro lado, apesar das demandas de evolução social e profissional em relação à tecnologia, uma parte significável dos participantes (30,15%) não se sente preparado ou não apresenta essa possibilidade de contato com a ferramenta. Sob a ótica de Skinner (2003), a abstenção é explicada pela ausência de reforços, como a falta de letramento digital, apontada por Bot e Santos (2025), que impede o sucesso do usuário na interação, de modo a resultar em extinção gradativa do comportamento de busca pela ferramenta. Diferentemente, os níveis de uso excessivo sugerem, conforme uma análise psicanalítica de Lindenmeyer (2025) que a tecnologia deixa de ser apenas um auxílio, para se tornar uma “prótese psíquica”. Nesse cenário, o sujeito projeta na IA a competência que julga em falta no próprio ser, criando uma dependência patológica, na qual o recurso é utilizado indiscriminadamente para suprir uma lacuna de autonomia intelectual.

Na segunda questão, foi solicitada a organização de assertivas aos participantes conforme seus usos. A partir disso, as assertivas foram organizadas conforme a Figura 2, considerando a média em relação às organizações feitas pelos participantes. Nota-se que o uso da IA para os trabalhos mais automáticos, em relação de organização, revisão e auxílio na escrita foi o de maior escolha, tendo 64% dos participantes colocando esta escolha em primeira opção, seguido da procura de dados científicos, padrões temáticos e tendências emergentes, que teve 43,8% dos participantes posicionando-a como o segundo lugar. No terceiro lugar, a tradução e leitura de artigos internacionais foi colocada por 56,2%, deixando em penúltimo e último as práticas de personalização de ensino e de criação de materiais, classificados em quarto por 60,7% e quinto por 68,5%, respectivamente.

Figura 2 – Respostas da classificação de assertivas: Para quais finalidades você usa IA?



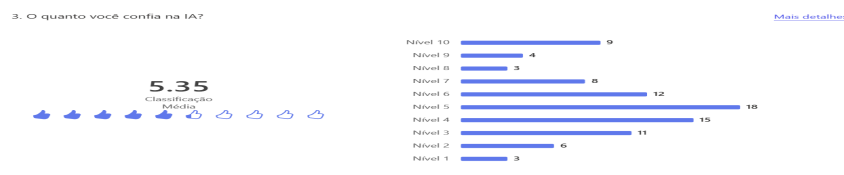
Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os dados da Figura 2 evidenciam uma clara distinção da funcionalidade da IA, visto que 64% dos participantes priorizam a IA para o suporte estrutural – que diz respeito às tarefas de organização e revisão – em detrimento das tarefas criativas. Inicialmente, este dado corrobora com a perspectiva de Bot e Santos (2025), que identificam o potencial otimizador da IA, que mobiliza a construção do conhecimento científico. Contudo, embora isso sugira a preservação de autoria intelectual, a alta dependência para a estruturação do trabalho corrobora o alerta de Leal *et al.* (2025) em relação ao comprometimento dos processos de aprendizagem. Tal prática configura o *cognitive offloading* colocado por Gerlich (2025), pois ao delegar a organização lógica e a revisão da máquina, os professores e pesquisadores correm o risco de atrofiar a competência analítica necessária para a articulação de ideias. Deste modo, o que é demonstrado como uma “otimização” por Bot e Santos (2025) pode

configurar a porta de entrada para a redução da autonomia cognitiva descrita por Arrabal e França (2025), na qual o sujeito se torna incapaz de finalizar o raciocínio sem o suporte automatizado.

Ao tratar sobre a confiança na IA, o questionário apresentou a próxima pergunta de forma direta, questionando os participantes sobre o quanto eles confiavam na IA, o que apresentou diretamente a margem de confiabilidade, com uma média de nível cinco em uma escala de zero a dez, conforme a Figura 3. Neste caso, a maioria dos participantes utilizam dos recursos, mas não confiam plenamente em suas informações e respostas dadas, considerando 59,22% das pessoas em uma margem de uso com desconfiança – correspondente aos níveis sete, seis, cinco e quatro – e a confiança extrema ou plena sendo o menor dos números, com 18,26% das pessoas – correspondente aos níveis dez, nove e oito. O número das respostas de pouca ou nenhuma confiança é superior em relação aos indivíduos que alegam confiança plena, com 22,22% pessoas nessas respostas. Esse resultado dialoga com a primeira pergunta de escala, considerando que um total de 29,98% das pessoas raramente ou nunca utilizam a IA.

Figura 3 – Respostas da segunda pergunta de escala zero a dez: O quanto você confia na IA?



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

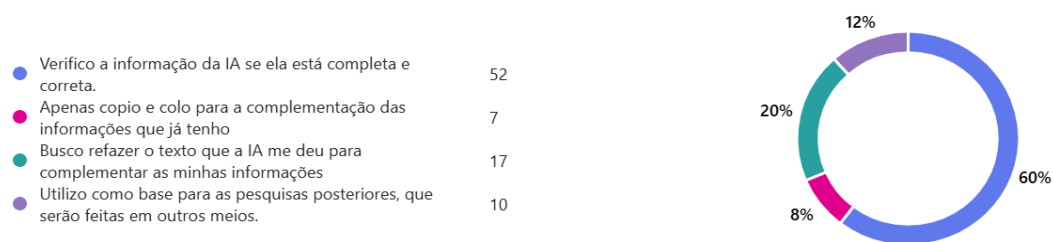
A análise da confiança revela uma ambivalência crítica, pois, embora a maioria manifeste cautela (59,43%), o dado mais alarmante reside nos 18,26% das pessoas participantes que declaram confiança excessiva, destacando 10,12% respostas da confiança plena. Sob a ótica psicanalítica, esse fenômeno sugere mais do que mera ingenuidade técnica, indica a operação da IA como a prótese psíquica de Lindenmeyer (2025), realçada nos dados anteriores, que busca tamponar a incompletude estrutural do sujeito. Ao depositar a fé cega na tecnologia, esse grupo projeta na máquina a ideia de competência infalível, suprimindo o julgamento próprio.

Essa dinâmica de dependência encontra respaldo em Gerlich (2025), que confirma uma forte correlação positiva entre a confiança na ferramenta e o aumento do *cognitive offloading*. Para o autor, estatisticamente, quanto mais se confia na IA, maior é a tendência de

desligar os processos de verificação crítica. Conforme Arrabal e França (2025), tal postura materializa o risco de atrofia da autonomia cognitiva, caracterizando uma alienação do sujeito, em que este renuncia à validação da verdade em troca do conforto oferecido por uma resposta automatizada.

Para a última questão, foram colocadas assertivas que diziam respeito às práticas imediatas ao uso da IA, para a escolha livre dos participantes, conforme a Figura 4. Das respostas, 60% dos participantes colocaram a prática principal como a verificação da informação em sua completude e a verificação de erros como ação primária após a utilização da ferramenta, 20% têm a prática de reescrita do texto para o complemento das informações, 12% utilizam como base para pesquisas em outros meios e 7% utilizam a informação para complementar outras informações já existentes.

Figura 4 – Respostas da última pergunta: Assinale a alternativa que mais corresponde com suas práticas imediatas ao uso da IA.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

As respostas constituem certa coerência em meio à pesquisa, visto que a resposta da terceira pergunta apresentou uma maior quantidade de pessoas que utilizam a IA, mas desconfiavam de informações, e a resposta da última questão em que existe uma verificação da informação dada pela ferramenta, sendo estas complementares em questões de dados, evidenciando uma possibilidade de aprimoramento como a trazida por Bot e Santos (2025), promovendo *insights* sobre as temáticas, aprimorando e otimizando o processo de investigação científica. Um outro ponto a ser ressaltado é que a criticidade e o letramento realçado por essas autoras também estão presentes, evidenciando um letramento mínimo e pensamento crítico acerca desse recurso. Isto é, destacando não apenas na verificação, mas na reescrita dos textos e na utilização das informações dadas pela IA para a realização de pesquisas posteriores.

Por outro lado, a persistência da prática de “copiar e colar” para complementar informações, sem verificação crítica, embora demonstrada minoritariamente nos dados, sinaliza um fenômeno de dependência patológica conforme Lindenmeyer (2025), também relacionado ao conceito de prótese psíquica da autora. A ótica behaviorista ainda acrescenta que este comportamento é mantido pela contingência de reforço imediato, ou seja, a obtenção rápida do resultado ao aplicar esforço mínimo (Skinner, 2003). Todavia, esse ganho de curto prazo gera consequências nocivas a longo prazo, como a extinção do repertório de escrita acadêmica autônoma. Evidencia-se, portanto, que a ausência de letramento digital não apenas limita o uso da ferramenta, mas pode comprometer a integridade dos processos cognitivos superiores, substituindo a construção do saber pela mera reprodução de dados.

Enquanto Gerlich (2025) afirma que em níveis mais altos de escolaridade, tende-se a mitigar a confiança cega na IA, os dados apresentados indicam que, mesmo em um ambiente acadêmico, a ideia de onipotência da máquina persiste em uma parcela significativa, considerando os 17 participantes com confiança plena. Isso sugere que o grau de escolaridade não imuniza o sujeito em relação à prótese psíquica, principalmente quando pressionado por diferentes demandas de produtividade.

Em síntese, embora partam de epistemologias distintas, a Análise do Comportamento e a Psicanálise convergem no diagnóstico de risco. Enquanto Skinner (2003) apresenta o mecanismo de manutenção do uso, que se baseia no reforço imediato da agilidade e no baixo custo de resposta, Lindenmeyer (2025) ilumina a consequência subjetiva desse processo, que diz respeito à alienação. Quando a tomada de decisão é terceirizada para a IA, além da otimização de tempo, ocorre o deslocamento do sujeito, que passa a operar como uma extensão da máquina. Assim, os processos são esvaziados do desejo de saber humano, bem como de sua autonomia intelectual. Nesse contexto, Lindenmeyer (2025) coloca que a tecnologia revela sua natureza de *pharmakon*, um objeto que oscila entre um suporte funcional – um medicamento – e uma dependência alienante – um veneno – dependendo da função psíquica que a máquina assume para o sujeito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente acadêmico e educacional demonstra grande necessidade de letramento e compreensão da atualidade para a utilização de ferramentas em IA. Os ganhos com a utilização crítica desse recurso são benéficos, visto que podem automatizar e facilitar

processos mecânicos, como de revisão gramatical e busca de dados. Apesar disso, o uso indiscriminado e a confiança demasiada podem levar ao comodismo, à dependência e à alienação, revelando a dualidade da tecnologia como um medicamento ou veneno, dependendo da dosagem de uso.

A percepção em meio às diferentes abordagens da psicologia demonstra concordância em relação às práticas que levam à dependência e aos danos prejudiciais aos processos de aprendizagem. Além disso, as perspectivas evidenciam a inevitável necessidade de adaptação às novas tecnologias, porém, de modo crítico, questionador e consciente, para que a ferramenta não atue como uma prótese que substitui o raciocínio, mas como um suporte.

Os dados apresentados demonstraram tanto usos conscientes da IA como usos indiscriminados em relação ao texto, destacando o letramento já presente em alguns dos participantes da pesquisa e um letramento necessário e aprofundado em relação a outros. Em comparação, verifica-se o olhar crítico presente na maioria dos participantes, que demandam de práticas de verificação e reescrita, bem como a desconfiança de informações do recurso.

Portanto, o letramento digital proposto não deve ser limitado ao saber usar – à competência técnica – mas deve ser expandido à dimensão ética e comportamental, pois, como demonstrado no estudo de Sichman (2021), a transparência e a responsabilidade são fundamentais. Sem a consciência crítica, o pesquisador ou professor corre o risco de subverter seu papel à operação sistemática, validando o conceito de prótese psíquica, que substitui o esforço intelectual pela inteligência algorítmica.

Espera-se, com esta pesquisa, auxiliar em práticas de reflexão dos pesquisadores, docentes e futuros docentes sobre a utilização de novas tecnologias, principalmente em relação à IA. Além disso, almeja-se que o letramento digital evolua para habilidades metacognitivas, de modo a evitar a terceirização do pensamento e contribuir com as pesquisas do tópico nos âmbitos acadêmicos e profissionais, trazendo respaldo crítico para a abordagem do assunto.

REFERÊNCIAS

ARRABAL, A. K.; FRANÇA, M. E. O desafio da autonomia cognitiva humana na era da inteligência artificial. **Convergências: estudos em Humanidades Digitais**, [S. l.], v. 1, n. 8, 2025, p. 142–159. DOI: 10.59616/cehd.v1i8.2272. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/2272>. Acesso em: 25 nov. 2025.

BOT, G.; SANTOS, K, E. E. Inteligência Artificial Potencializando a Pesquisa: Ferramentas para a Escrita Acadêmica. **Redoc: Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 9, n.

1, 2025, p. 1-17. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/83222>
Acesso em: 25 nov. 2025.

GERLICH, M. AI Tools in Society: Impacts on Cognitive Offloading and the Future of Critical Thinking. **Societies**. [S.l.], v. 15, n. 6, 2025, p. 1-28. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/soc15010006> Acesso em: 25 nov. 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEAL, L. R. S.; GOMES, A. T. S.; KREPEL, J. A. *et al.* Docência assistida por IA: impactos cognitivos e emocionais no trabalho educacional: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo. v. 11, n. 11, nov. 2025, p. 2523-2536. DOI: 10.51891/rease.v11i11.22097. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/22097>. Acesso em: 25 nov. 2025.

LINDENMEYER, C. Os paradoxos da Inteligência Artificial (IA), pulsionalidade e o psicanalista. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 28, 2025, e240648. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e240648> Acesso em: 25 nov. 2025.

SICHMAN, J. S. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. **Estudos Avançados**. [S.l.], v. 35, n. 101, 2021. p. 37-49. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.004> Acesso em: 25 nov. 2025.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. 11ª ed. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

SOUZA, C. M. S. Uso da inteligência artificial na elaboração de artigos científicos. **Acta Paul Enferm**. [S.l.], v. 38, 2025, eEDT03. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2025EDT03> Acesso em: 25 nov. 2025